

ARTES PLÁSTICAS

SIMPÓSIO NACIONAL CRITICADO POR ARTISTAS LOCAIS

GILBERTO ALVES

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO
Repórter especial

De 19 a 21 de outubro, Brasília será sede de importante evento no terreno das artes plásticas: o III Simpósio Nacional de Artes Plásticas. O Simpósio é uma atividade complementar do Salão Nacional de Artes Plásticas, que acontece anualmente no Rio de Janeiro. Se o Salão tem espaço fixo, o mesmo não ocorre com o Simpósio. Para fomentar um processo de descentralização cultural, achou-se por bem, dá a este, sede itinerante. Ano passado, ele ocorreu no Recife. Este ano, ocorrerá em Brasília e debaterá dois temas: Arte na Universidade e Região/Regionalismo (ai entra um subtítulo: Existe uma Arte Brasileira?). Paralelo aos debates, uma comissão técnica, composta de membros da Comissão Nacional de Artes Plásticas, apresentará estudo sobre a reformulação da legislação básica do Salão Nacional de Artes Plásticas.

Três jovens artistas da cidade — Eduardo Carreira, Fau (Fátima Martins) e André Carreira — porém, estão preocupados com os destinos do Simpósio. Eduardo explica por que: "Estamos há poucos dias do Simpósio, e tudo permanece misterioso. Não houve a menor divulgação, até agora. Como vamos discutir a existência ou não de uma arte brasileira, se nós, que estamos criando na cidade, não sabemos de nada, não fomos convidados a opinar?"

O mais grave, porém, para Eduardo Carreira, é o caráter de improviso e a arbitrariedade na escolha dos conferencistas: "Brasília será sede do Simpósio, mas ninguém está sabendo. A arte brasileira será discutida, mas ninguém sabe quem são os artistas brasileiros. Para resolver este problema, o Athon Bulcão compreendeu que era preciso organizar uma exposição de artistas radicados em Brasília. E o que aconteceu? Descobriu-se que não havia galeria desocupada. Ou seja, a da Funarte, promotora do evento, estará ocupada. As da Fundação Cultural, idem. Athon Bulcão acabou encontrando espaço na Galeria Itaú, que é pequena. Os artistas convidados a participar desta mostra-tampão terão que se submeter a um limite: os quadros não podem ter mais de um metro por um metro. "Até agora, prossegue o artista, pelo que conseguimos apurar, os conferencistas do painel Existe Uma Arte Brasileira? são: Luis Humberto e Raul Molina. Mas como? perguntamos. Luis Humberto é um fotógrafo de reconhecida competência. Raul Molina é artista plástico, mas não vivencia o processo cultural da cidade. Não sabe o que

está acontecendo entre os novos criadores. Não conhece o Cresça, a Universidade, as cidades-satélites, enfim, os lugares que, de uma forma ou de outra, são focos da produção brasileira".

André Carreira, por sua vez, diz que a exposição dos artistas brasileiros, organizada de última hora, além do problema de espaço, apresenta outros: "Que critérios foram utilizados na seleção dos 23 artistas que vão expor? Sabemos que Athon Bulcão, Glênio Bianchetti e Cathleen Sidki formaram a comissão de seleção. Resta-nos, mesmo respeitando os selecionadores, saber por que foram escolhidos 23, e não mais ou menos? Que obras foram vistas? A escolha partiu de uma lista de nomes fichados na Funarte/Brasília?"

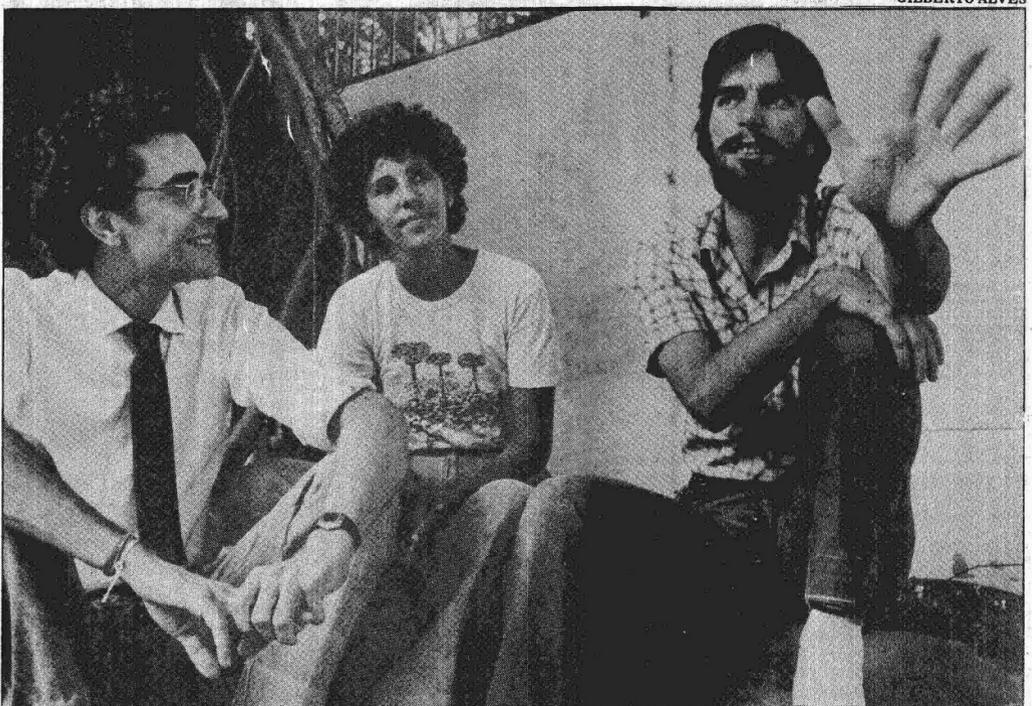
Fau, por sua vez, pergunta "se duas peças são suficientes para mostrar a proposta de um artista? A visão não terminará muito panorâmica?"

Eduardo retoma o ponto da divulgação: "A Funarte, que tem se mostrado tão competente para divulgar o Projeto Píngüinha (música) e o Projeto Mambembão (teatro), não adota o mesmo comportamento para a área de artes plásticas. Seus administradores aceitam, pacificamente, a idéia de que as artes plásticas são atividades para deleite de uma elite. Nós não aceitamos esta postura. A questionamos e exigimos para todas as áreas, a mesma atenção".

André lembra que "se as coisas continuarem no ritmo em que estão, este Simpósio será mais um simpósio, já que na sua concepção, ele segue os mesmos vícios dos anteriores, ou seja, pessoas que não estão envolvidas com o processo cultural impõem as regras, desprezando a colaboração dos mais jovens".

Eduardo aproveita o mote e comenta: "Os artistas mais jovens podem não ter uma história muito grande, mas atuam com paixão e têm muito a sugerir e a dizer. Isto nos leva a perguntar: que espaço temos neste Simpósio? Nossa voz será ouvida? Sabemos que estarão em Brasília, os nomes mais importantes das artes brasileiras — Carlos Scliar, Fayga Ostrower, entre outros. Virão, também, Paulo Estellita Herkenhoff Filho, diretor do INAP (Instituto Nacional de Artes Plásticas), Marcos Lontra, da revista Módulo, e outros nomes que fazem o dia a dia do setor. E daí? O que acontecerá de novo? A nós, não tem sido possível nem saber direito a programação do encontro, quem dirá participar?"

"Nosso intuito, afirmam os três artistas plásticos, é afinetar a Funarte, para ver se as coisas tomam



Eduardo, Fátima e André Carreira vêm improviso e arbitrariedade na organização

um rumo mais dinâmico".

EXPOSIÇÃO

Eduardo Carreira propõe "aos artistas não-selecionados para a mostra brasileira, que ocorrerá paralela ao Simpósio, que exponham na porta da Galeria Itaú. "Esta deve ser a postura dos artistas, até que os salões e simpósios se democratizem".

A Funarte, através de seu escritório regional, informa os nomes dos artistas que vão participar da mostra Resumo 83 — Artistas Jovens de Brasília: Evandro Salles, Wagner Hermuche, Lourenço de Bem, Lila Sardinha, Marcos Mendes, Rômulo Andrade, Elder Rocha Lima, Néson Maravalhas, Lulo Gallina, Eliza de Sousa, Vicente Martinez, Omar Franco, Eduardo Carreira, Luiza Nóbrega, Sérgio Bessa, Francisco Aviani, Fau, José Eduardo Moraes, Cosme Rocha, Reinaldo Cotia Braga, Sérgio Dutra, Wanderley Amorim e Luiz Costa.

No que toca ao VI Salão Nacional de Artes Plásticas, que acontecerá no Rio, de 15 de dezembro a 15 de janeiro próximos, diz a Funarte (através de outro release): os brasilien-

ses, que participaram do Salão, foram escolhidos por Carlos Scliar, Paulo Leal, Montez Magno (indicados pelos inscritos), Osmar Pisani, Marcus de Lontra e Alberto Beutemuller, escolhidos pelo Conselho Nacional de Artes Plásticas, e por Paulo Herkenhoff, diretor do INAP. São eles: Ralph Ghery e Manoel Ricardo Lopes (desenho); Luis da Costa, Elder Rocha Lima Filho, Néson Maravalhas (pintura); José Eduardo Moraes, Lila Sardinha e Grupo de Brasília (mídia contemporânea).

Segundo o mesmo release da Funarte, os membros do júri foram indicados pela Comissão Nacional de Artes Plásticas para integrarem esta subcomissão, que este ano vem com uma novidade: as associações de artistas plásticos do Rio e de Recife articularam a eleição de três nomes para participarem da subcomissão. Graças a essa iniciativa, foram eleitos, pelos artistas inscritos, Carlos Scliar, Paulo Leal e Montez Magno. Todos os anos, os artistas elegem três pessoas para integrarem essa subcomissão, sendo que este é o primeiro ano em que houve movimento das associações para eleição de três candidatos".

Brasília, 11 de outubro de 1983
Suplemento diário do CORREIO BRAZILIENSE
Não pode ser vendido separadamente

"PRECISAMOS DE NOVA LINGUAGEM MODERNISTA"

Brasília tem dois nomes sagrados no terreno das artes plásticas: Athon Bulcão e Glênio Bianchetti. Pioneiros, eles têm suas vidas ligadas a Oscar Niemeyer e à Universidade de Brasília da época "do sonho". E, da mesma forma, alimentaram-se nestes anos todos de uma esperança enorme nos destinos da nova cidade. Ambos são retratados, calados, mas é impossível falar em artes plásticas, por estas bandas, sem lembrar os dois.

Glênio Bianchetti, o personagem desta entrevista, é gaúcho. Chegou a Brasília em 1961. Organizou o setor gráfico da UnB e dirigiu, em 1963, o atelier de pintura da universidade. A mudança para a nova capital brasileira foi decisiva aos rumos de seu trabalho, que passou a incorporar as cores marcantes do cerrado. Em 1965, na maior crise da história da Universidade de Brasília, ele se demitiu, com mais de 200 colegas professores. Desde então, passou a se dedicar à pintura. Vez ou outra, incursionou pela tecelagem. A gravura também lhe mereceu horas de dedicação.

Hoje, Glênio está se adaptando à nova moradia — uma casa de moderna concepção, criada por um filho-arquiteto, e localizada no setor de chácaras do Lago Norte. Lá, ele consome seus dias pintando, recebendo os amigos e ajudando os filhos, que constroem suas casas no largo espaço do sítio. "Estamos terminando a construção da casa de um dos meninos, o primeiro que se casou. Depois de concluí-la, vamos partir para o atelier do Lourenço de Bem (um dos filhos do pintor, que também optou pela pintura)".

Glênio sai pouco. Duas vezes por semana, vem à cidade, para dar aula de pintura no Cresça, uma escola livre, dirigida por Allema Bianchetti, sua mulher, e por Maria do Socorro Carvalho, esposa do cineasta Vladimir, "dois grandes amigos". A pintura, porém, é uma atividade constante. "Trabalho horas a fio, numa labuta permanente".

Numa tarde quente, Glênio foi entrevistado. Não é de muito falar. É preciso muito exercício para arrancar-lhe algumas idéias. Grandes idéias por sinal. E-las:

— O que você está fazendo atualmente?

— Estou preparando uma exposição para, mostrar na Galeria da Cultura Inglesa, que vem se tornando um ambiente mais cultural, mais descontraído que as galerias convencionais. No mais, tenho remoldado muitas angústias com o momento vivido pelas artes plásticas no Brasil. Vem impondo-se uma concepção de trabalho que como muito ruim. Predomina uma mentalidade onde há preocupação demasiada com o mercado. A voz do artista não está valendo muito. E até os artistas estão entrando nessa. Falam mais em mercado do que em arte. Acho que estamos precisando de alguém como Oswald de Andrade, que diga não aos mecanismos convencionais, enfim acho que estamos precisando de um novo élan modernista. Parece que todo mundo está acomodado. Nas reuniões de artistas, os papos giram em torno dos 30 por cento que cabe ao criador, das qualidades ou defeitos dos marchand, do mercado

nacional e internacional. Um diz que vai expor em Londres, e que vendeu a exposição fechada. Não há espaço para a análise, para a discussão do que o colega está fazendo. Mais dia menos dia, o palavrório econômico vai invadir nossas reuniões, e os artistas falarão em desindexação.

— E o artista não tem culpa da situação ter chegado ao ponto que chegou? Talvez, nenhum setor da produção cultural seja tão individualista, tão desagregado...

— Em parte, a responsabilidade é nossa. Nosso trabalho é muito solitário, bem diferente, por exemplo, do cinema e do teatro, que envolve trabalho de equipes. Tem sido difícil reunir os artistas plásticos na construção de suas entidades representativas. Cada um vive no seu mundo. Nós nos isolamos muito.

— Glênio, até a saída de Rubem Valentim de Brasília, você, ele e Athon eram considerados o trio mais representativo das artes plásticas, no DF. Artistas novos costumam dizer que dos três, você é o mais importante, no sentido de que sempre interveio no processo cultural da cidade, passando sua experiência aos novos. E isto que o prende a Brasília?

— Eu até gostaria de saber. Gosto muito da cidade, mas, às vezes tenho vontade de botar fogo em tudo. No fundo, porém, ainda deposito esperanças na cidade, e principalmente nos novos artistas. Minhas esperanças se dão porque já vivi aqui um processo bem diferente. No começo, Brasília era um deserto. A gente precisava de papel: não tinha! Precisava de tinta: não tinha! No entanto, no ar, havia um clima de muita euforia, de muita crença, de muita esperança. Tudo era mais denso, as intenções e o ambiente eram outros. Éramos incentivados a buscar algo novo. Não havia dinheiro, mas a gente fazia coisas, sem dinheiro nenhum; alimentados pela força das paixões que nos trouxeram para cá. Acreditávamos estar construindo um Brasil novo. É preciso que este élan renasça. Precisamos acreditar em alguma coisa. Na pequena cidade gaúcha de Bagé, Carlos Scliar, Danúbio Gonçalves, Glauco Rodrigues e eu conseguimos, em 1950, fundar um Clube de Gravura, e desenvolver um trabalho interessante. Em Brasília, pelo Cresça, tem passado pessoas muito interessantes. Há valores na cidade que precisamos ser incentivados. Vejam o Evandro Salles, o Eduardo Carreira, para citar só dois.

— Há uma frase que você repete sempre: "Promover exposição não é pendurar quadro na parede"...

— Pois é. Isto está ligado ao que eu dizia no começo. As exposições, hoje, têm se constituído nisto: as galerias de fundações culturais e as de particulares já não se diferem. Ambas penduram os quadros na parede e pronto. Quem tem dinheiro, que apareça e compre o quadro. Quem não tem, não é estimulado a visitar a galeria, que é um centro de informação e discussão cultural, e não um mercado. É claro que os compradores devem aparecer. Também é claro que uma exposição, para merecer este nome, deve receber a comunidade. É preciso criar um espírito novo. No Rio Grande do Sul há uma

marchand, Ana Maria Webster, que procura alterar as regras gerais das exposições. Ela promove debates das mostras, discute as correntes artísticas, exhibe filmes, enfim, cria um clima de saudável agitação em torno das exposições.

— É possível fazer algo semelhante em Brasília?

— E. Só que aqui tudo é mais difícil. A cidade é habitada por pessoas que se sentem em trânsito. Hoje estão aqui, amanhã estarão no Rio ou em Nova Iorque. O brasileiro ainda não se sente brasileiro, como o goiano se sente goiano, e o mineiro se sente mineiro.

— E o que os artistas podem fazer para mudar a atual ordem imposta pelos administradores culturais da cidade?

— Repito que o artista plástico transformou as artes plásticas numa arte sem expressão como corporação. Eles não mandam telegramas de protesto, não vão às ruas, cada um continua no seu jogo individualista. Mas é claro que esta situação pode mudar. Depende da vontade de cada um. Houve tempo em que os artistas plásticos eram mais polêmicos. Hoje todos estão se tornando parecidos. Crítico, marchand, mercado — com a convivência do criador — vão estabelecendo padrões, criando uma nova academia. Por isto digo que estamos precisando de um Oswald de Andrade, com seu ar polêmico, devastador. Embora ele pertencesse à classe dominante, tinha uma postura inquietadora. Hoje, precisamos de uma nova linguagem modernista, mesmo que ela seja chauvinista. O Tropicalismo, que surgiu na música, sacudiu a época. Pena que foi consumido antes de existir. Quando ia dar alguma coisa, quando passou a constituir uma ameaça, acabou.

— Mas e Brasília, especificamente, neste contexto, o que poderá fazer?

— Brasília apresenta este quadro, levado ao paroxismo. Aqui, os organismos públicos não fazem nada para ajudar a mudar este panorama. Na Bahia, por exemplo, os artistas plásticos são ponto de referência cultural. Os institutos de turismo divulgam catálogos com os endereços de artistas como Caribé, Calazans, Hansen, e desenharam os caminhos que nos levam até os artistas. Há placas indicando o trajeto. Em Brasília, as únicas pessoas que têm endereço certo são os políticos. Na Bahia, Jorge Amado sofre com as visitas a sua casa, tamanho é o interesse que desperta. Quando nos encontramos, ele reclama que já não agüenta mais tirar foto com turista. Como somos amigos, tomei a liberdade de sugerir a ele (sorrir um riso alegre) que estabeleça uma tabela de preços: lado a lado, custará xis; abraçado ipsilom, e por aí fora. Este exemplo é extremado, mas serve para mostrar a diferença entre o tratamento que a Bahia dá a seus artistas, e o que Brasília dá aos seus. Aliás, acho que as autoridades culturais de Brasília pensam que aqui não há artistas.

— O que as autoridades locais podem fazer e não fazem?

— Ouvi dizer que o atual governador está interessado em criar um Museu da Cidade, capaz de abrigar o

patrimônio cultural brasileiro. Gostaria de lembrar que o BRB (Banco Regional de Brasília) possui um bom patrimônio, já que vem adquirindo quadros de vários artistas. Além do mais, se vuscularmos os depósitos dos órgãos públicos, encontraremos, com certeza, alguma coisa. Não digo que museu é uma coisa ideal. Mas pelo menos, a cidade passa a ter um ponto referencial. Quem chegar para conhecer Brasília, e se interessar por artes plásticas, vai ter onde tomar conhecimento do que aqui se cria. Além do mais, deve-se comprar quadros dos novos artistas, que já têm um trabalho significativo.

— Depois de tantas colocações, é hora de falarmos de seu momento criativo, senão repetiremos as reuniões que só falam de mercado!

— (Sorris). Estou entrando num processo de trabalho mais descontraído mais instintivo. A gente está num período em que já cristalizou muito. Agora é hora de desaprender. Quero fazer uma pintura que me faça bem e não a que os outros acham que devo pintar. Na realidade, sou muito tímido. Quero ver se faço uma pintura de mais vibração, mais minha, sem aquela angústia. Uma pintura que eu possa fruir.

— Fale mais.

— Hoje, falam em pintura social, pintura ornamental, pintura de mercado, e por aí. Eu vivo a angústia de pensar ou não pensar no público. Estou disposto a não pensar mais nisto. Público aí, digo no sentido de mercado. Minha pintura não é fácil. Minhas cores não são alegres. Meus quadros parecem até monocórdios. Hoje, sinto-me dentro dela, ao fazê-la. Quem gosta de minha pintura, é porque me ama. Não estou disposto a fazer concessão. Se gostarem, ótimo. Se não gostarem... Os trabalhos que vou expor na Cultura Inglesa (20 quadros) são pequenos. Começo dum menor e eles vão crescendo. Mas não há nenhuma tela de grandes dimensões. Acho que estou numa fase de amadurecimento técnico. Quando, na feitura do quadro, minhas angústias vão se multiplicando demais, fico ali, sem conseguindo parar de pintar. Fico sempre sem saber a hora de parar. Acho que fechei um ciclo de aprendizado, e que estou entrando numa fase mais simples. Hoje, com o mínimo, a gente já consegue dizer mais.

— E a crítica, Glênio, o que tem feito para compreender a criação plástica brasileira?

— Muito pouco. Nossa crítica é inexpressiva. Entre críticos e estudiosos, prefiro estes. O Ferreira Gullar, que é poeta e crítico de artes plásticas, detesta ser chamado de crítico. Hoje, nossa crítica está reduzida ao colonialismo social da arte. Os críticos de peso, que são raros, estão noutra. Dia desses, um crítico me telefonou dizendo que queria conhecer meus últimos trabalhos. De antemão ele me avisou que só gosta de pintura concreta. Como não sou um pintor concreto, sabia de saída que não ia agradá-lo. Sou expressionista, por isto ele não vai gostar, como também não gostaria se eu fosse abstrato, conceitual, etc. Os críticos são cada vez mais unilaterais. Por isto acho que quem deveria apresentar um pintor, seria outro pintor.